

DO “VALOR” DOS “VALORES” À FISIOLOGIA DA ARTE: PRESSUPOSTOS PARA A COMPREENSÃO DE *O CASO WAGNER* E DE *NIETZSCHE* CONTRA *WAGNER*

Luís Rubira

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: No fragmento póstumo 18[17], Julho-Agosto de 1888, que é a anotação para um novo projeto (“Nós, os Hiperbóreos”), o terceiro livro intitulado “Conflito dos valores” teria três capítulos: “1) Pensamentos sobre o cristianismo; 2) Sobre a fisiologia da arte; 3) Sobre a história do niilismo europeu”. Ora, se Nietzsche pensava a questão da “fisiologia da arte” a partir do “conflito dos valores”, parece ser significativo explorar esta anotação (que precede o último projeto da *Transvaloração de todos os valores*, elaborada no fim de agosto de 1888), para compreender as perspectivas axiológicas que levaram Nietzsche a escrever *O caso Wagner* e *Nietzsche* contra *Wagner*.

Palavras-chave: vontade de potência, valores, decadência, fisiologia da arte, eterno retorno.

Abstract: In the posthumous fragment 18[17]. July-August 1888, that is a notation for a new project (“Us, the Hyperboreans”), the third book entitled “Conflict of values” would have three chapters: 1) Thoughts about Christianity; 2) On the physiology of art; 3) About the history of European nihilism. But if Nietzsche thought the question of the physiology of art from the “conflict of values”, it seems to be significant to explore this note (that comes before the final project of *The transvaluation of all values*, drawn at the end of August 1888), to understand the axiological perspectives that led Nietzsche to write *The case of Wagner* and *Nietzsche* Contra *Wagner*.

Keywords: Will to power, values, decadence, physiology of art, eternal return.

* O presente texto foi apresentado, em sua versão em língua francesa, no VI Congresso Internacional do Groupe International de Recherche sur Nietzsche (que em 2013 teve por tema “Nietzsche com Wagner, Nietzsche contra Wagner”, realizado no mês de Junho no Centro “Colli-Montinari” di studi su Nietzsche e la Cultura europea”, na Università degli Studi di Pisa), graças ao programa de “Apoio para participação em eventos científicos no exterior” da CAPES.

É precisamente em *O caso Wagner*, ou seja, na chamada “Carta de Turim” de “Maio de 1888” que Nietzsche fornece a pista, pela primeira vez numa obra publicada, de que estaria trabalhando no tema intitulado “Fisiologia da arte” (*Physiologie der Kunst*):

Terei oportunidade (num capítulo da minha obra principal, intitulado “Sobre a Fisiologia da arte”), de mostrar mais detalhadamente como essa transformação geral da arte em histrionismo é expressão de degeneração fisiológica (ou mais precisamente, de uma forma de histeria), tanto quanto cada uma das alterações e das deformidades da arte cujo caminho foi aberto por Wagner (*O caso Wagner*, §7).

A “obra principal” a qual Nietzsche se refere é a mesma já anunciada no ano anterior (1887) na penúltima seção do terceiro capítulo da *Genealogia da moral*, ou seja: “*A vontade de potência. Tentativa de transvaloração de todos os valores*”. No projeto para esta obra elaborado em suas anotações do primeiro semestre de 1888, de fato, há o título do capítulo por ele mencionado em *O caso Wagner*. O projeto da “obra principal” seria, então, composto por quatro livros, sendo que no terceiro livro (nomeado como “O critério da verdade”) Nietzsche abordaria os seguintes temas:

- 1) A vontade de potência.
- 2) Sintomatologia da decadência.
- 3) Para uma fisiologia da arte.
- 4) Para uma fisiologia da política. (XIII, 16(86) - Primavera-verão de 1888).

A concepção de uma “fisiologia da arte”, por sua vez, remonta ao período de elaboração de *Para além do bem e do mal*, surgindo numa extensa anotação encontrada nos póstumos de 1886-1887¹. Por sua vez, o projeto da “*Vontade de potência*” em questão (da Primavera-Verão de 1888), é resultado da elaboração de vários outros esboços redigidos no primeiro semestre de 1888 - esboços estes nos quais sempre esteve presente a abordagem da

¹ Trata-se de uma longa anotação, que escapa ao escopo do presente texto, intitulada “*Para a fisiologia da arte. Aos artistas*” (cf. XII, 7(7) – Fim de 1886-Primavera de 1887).

“fisiologia da arte”². Neste projeto, por sua vez, o último livro teria por título “O conflito dos falsos e dos novos valores”³.

É significativo, porém, que na mesma anotação para a “obra principal” em quatro livros, realizada entre a Primavera e o verão de 1888 (ou seja, entre março e junho), Nietzsche refaça, logo em seguida, a estrutura do terceiro livro (intitulado como “O critério de verdade”):

A vontade de potência, querer-viver - querer da vida que ascende.

Os grandes erros, consequências da *decadência*.

Sobre a fisiologia da arte.

Sintomatologia do declínio (XIII, 16(86) – Primavera-verão de 1888).

² Na primeira versão, bastante semelhante aos temas presentes no projeto da obra *A transvaloração dos valores*, do final de agosto de 1888, Nietzsche incluía, entre a abordagem da religião, da moral e da filosofia também uma abordagem da arte: “De se trata? O contrassenso religioso. O contrassenso moral. O contrassenso filosófico. O Contrassenso estético”. (XIII, 16(70) – Primavera-Verão 1888). Num plano imediatamente seguinte, a abordagem surge mais delimitada, sendo que alguns temas comporiam, posteriormente, o *Crepúsculo dos ídolos* e o projeto da *Transvaloração*: “I – O mundo inventado: *A origem dos valores. O mundo inventado. A filosofia como decadência. Pensamentos sobre o cristianismo*. II – O mundo verdadeiro: *As realidades por trás da moral. Sobre a fisiologia da arte. Por que a verdade?* III – *Crítica da modernidade. O eterno retorno. Da sétima solidão*” (XIII, 16(71) – Primavera-Verão 1888). O mesmo ocorre também nesta anotação: “1. *A antítese dos valores: pessimismo, niilismo, ceticismo*. 2. *Crítica da filosofia*. 3. *Crítica da religião*. 4. *Crítica da moral*. 5. *O mundo inventado*. 6. *Por que a verdade? Para uma fisiologia da arte*. 8. *Problema da modernidade*. 9. *O eterno retorno*. 10. *Da sétima solidão*” (XIII, 16(72) – Primavera-verão 1888). E, por fim, numa anotação que, mais tarde, teria temas tratados no *Crepúsculo dos ídolos*: “*Sobre a fisiologia da arte. O problema de Sócrates. Moral: disciplina ou seleção – Os realistas por trás da moral. O combate contra as paixões e sua espiritualização. Naturalismo da moral e desnaturalização. A época e os contemporâneos. Da sétima solidão. Por que a verdade?*. A vontade de verdade. Psicologia dos filósofos. Da vontade de verdade. *Civilização e cultura: um ant[al]go[n]ismo*” (XIII, 16(73) – Primavera-Verão 1888).

³ Eis a anotação completa: “I. *Psicologia do erro*. 1) Confusão entre efeito e causa; 2) Confusão entre a verdade e isso em que cremos verdadeiro; 3) Confusão entre a consciência e a causalidade; 4) Confusão entre a lógica e o princípio de realidade; II. *Os valores falsos*. 1) A moral enquanto falsidade; 2) A religião enquanto falsidade; 3) A metafísica enquanto falsidade; 4) As ideias modernas enquanto falsidade. Tudo isso condicionado pelas quatro categorias do erro. III. *O critério de verdade*. 1) A vontade de potência. 2) Sintomatologia da decadência. 3) Para uma fisiologia da arte. 4) Para uma fisiologia da política. IV. *Conflito dos falsos e dos novos valores*. 1) Necessidade de um movimento duplo; 2) Utilidade do movimento duplo; 3) Os fracos; 4) Os fortes”.

Pouco tempo depois, ainda entre maio e junho de 1888, o filósofo realiza uma extensa anotação justamente intitulada “Fisiologia da arte”, o que confirma seu intento de “mostrar mais detalhadamente” o tema em sua “obra principal”⁴. Sem adentrarmos nesta última anotação, mas detendo-nos nos planos para o terceiro livro, retenhamos apenas dois aspectos: a) que existe uma continuidade entre as anotações de Nietzsche, ou seja, elas mostram um entrelaçamento entre o tema da “fisiologia da arte” e o da “vontade de potência”, compreendida até então como critério para a “transvaloração de todos os valores”⁵; b) que nesse plano para a “Vontade de potência”, o quarto e último livro terminaria por uma abordagem de caráter axiológico: “O conflito dos falsos e dos novos valores”.

Após elaborar a “Carta de Turim” em maio de 1888, Nietzsche parte para Sils-Maria em junho. Dois meses depois, é nela que ele realiza uma última anotação para a sua “obra principal”. Trata-se do “Esboço do plano de: *A vontade de potência. Tentativa de uma transvaloração de todos os valores*. Sils Maria, último domingo do mês de agosto 1888”. O plano inclui, novamente, a abordagem da “fisiologia da arte”. Neste último plano para a *Vontade de potência*, o terceiro livro surge intitulado como “Conflito dos valores” (título, portanto, que pertencia ao quarto livro do plano anterior), dividindo-se, por sua vez, em três capítulos:

Primeiro capítulo. Pensamentos sobre o cristianismo.

Segundo capítulo. Sobre a fisiologia da arte.

Terceiro capítulo. Sobre a história do niilismo europeu. (XIII, 18[17], de julho-agosto de 1888).⁶

⁴ Ver: XIII, 17(9) – Maio-Junho de 1888.

⁵ Remeto o leitor ao texto “O critério de avaliação nietzschiano”. In: *Assim falou Nietzsche III*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2001, p. 263-272.

⁶ Eis a anotação completa, que terminaria por uma abordagem da concepção do eterno retorno do mesmo: “NÓS OS HIPERBÓREOS. Colocar os fundamentos do problema. PRIMEIRO LIVRO: “*O que é a verdade?*”. Primeiro capítulo. Psicologia do erro. Segundo capítulo. Valor de verdade e mentira. Terceiro capítulo. A vontade de verdade (justificada somente no valor afirmativo da vida). SEGUNDO LIVRO: Origem dos valores. Primeiro capítulo. Os metafísicos. Segundo capítulo. Os “homens

É possível perceber as diferenças de abordagem da “fisiologia da arte” entre o plano do primeiro semestre de 1888 e este último plano de agosto de 1888, sendo que apenas destacamos duas: a) O título do capítulo não é mais “O critério de verdade” e sim “O conflito de valores”; b) O quarto e último livro ganharia uma nova abordagem e teria como tema o eterno retorno do mesmo, figurado no título do capítulo por meio da expressão “O grande meio-dia”⁷.

Ora, o último esboço do projeto da *Vontade de potência* do final de agosto de 1888, como sabemos, dará lugar, logo em seguida, a um projeto definitivo de obra intitulado *A transvaloração de todos os valores*. Se por um lado nele, entretanto, desaparece o capítulo destinado a abordar a “fisiologia da arte”, por outro se mantém, no quarto livro, o tema do eterno retorno do mesmo:

TRANSVALORAÇÃO DE TODOS OS VALORES

Primeiro livro

O Anticristo. Tentativa de uma crítica do cristianismo.

Segundo livro.

O espírito livre. Crítica da filosofia como movimento niilista.

Terceiro livro.

O imoralista. Crítica da espécie mais funesta de ignorância, a moral.

Quarto livro.

Dioniso. Filosofia do eterno retorno. (XIII, 19[8], setembro 1888).

O que ocorre então? Como podemos compreender esta mudança decisiva que implica, simultaneamente, o ingresso de Nietzsche na tarefa em

religiosos”. Terceiro capítulo. As “pessoas de bem” e aqueles que querem “melhorar” a Humanidade. TERCEIRO LIVRO: Conflito dos valores. Primeiro capítulo. Pensamentos sobre o cristianismo. Segundo capítulo. Sobre a fisiologia da arte. Terceiro capítulo. Sobre a história do niilismo europeu. Divagações do psicólogo. QUARTO LIVRO: o grande meio-dia. Primeiro capítulo. O princípio da vida “hierarquia”. Segundo capítulo. As duas vias. Terceiro capítulo. O eterno retorno”.

⁷ Sobre o modo figurado em que o pensamento do eterno retorno do mesmo aparece na obra de Nietzsche através das referências ao “meio-dia” e ao “grande meio-dia”, ver: *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*, em especial no capítulo III, p. 226, nota 66.

que estaria contida toda a sua filosofia (a transvaloração de todos os valores), por meio da qual ele anuncia dois livros para tratar do cristianismo e do niilismo (lembramos que, no último esboço do projeto da “Vontade de potência”, a “fisiologia da arte” surgia entre estes dois temas), e, paralelamente, a ausência de um livro dedicado a uma abordagem da arte ou de um capítulo para tratar do tema da “fisiologia da arte”? Ainda mais se considerarmos que ele havia anunciado tal abordagem pouco tempo antes em *O caso Wagner* – Indicação que não chega a retirar da obra, mesmo nas revisões realizadas no segundo semestre de 1888.

A partir da edição crítica das obras de Nietzsche elaborada por Colli e Montinari, elaborada entre os anos de 1967-1978 (edição graças à qual nossa investigação torna-se possível), uma das primeiras tentativas de interpretação sobre o papel das obras preparadas para publicação e dos escritos póstumos do ano de 1888, foi realizada, em 1980, justamente por Giorgio Colli, em sua obra *Escritos sobre Nietzsche*. Tal abordagem é significativa para pensarmos o tema da “fisiologia da arte” a partir da mudança nos planos de “A vontade de potência” para o da “Transvaloração de todos os valores”, sobretudo porque tal interpretação está em parte conceitualmente correta e em parte equivocada, sobretudo quando busca compreender o pensamento de Nietzsche a partir de aspectos finais da biografia do filósofo. A interpretação de Colli surge no seguinte trecho:

Em um transbordamento de paixões, a *Vontade de potência* tal como ela foi projetada perde todo interesse aos olhos de Nietzsche e ela é substituída, ultrapassada, sintetizada em *O anticristo*. O problema da decadência é resolvido pelo ataque contra o cristianismo. Neste transbordamento patológico, ele vem a ser ele mesmo – o Anticristo. Em geral, os temas antigos não são mais tratados de agora em diante senão sobre o modo pessoal: o pensamento de Nietzsche se identifica aqui com a pessoa de Nietzsche. É por esse motivo que então ressurge em 1888, de maneira insistente, a figura de Wagner como objeto de polêmica. A intolerância a respeito da arte moderna tem como pressuposto fisiológico sua náusea concreta a respeito da esfera wagneriana (...). Paralelamente, o

assalto contra a visão moral e política do mundo moderno não é senão a sedimentação conceitual de numerosas lembranças que o atormentam – até a obsessão doravante –, de suas experiências com amigos e parentes, e sobretudo com sua irmã. É assim que em suas últimas obras, por meio de uma generalização literária, explodem precisamente as inventivas contra os alemães, contra o Reich e os antisemitas (COLLI, 1996, p. 164-165).

Sob a luz de parte desta interpretação de Colli, quando retomamos o esboço do projeto de *A vontade de potência* do primeiro semestre de 1888 e pensamos que, nele, o terceiro livro teria um capítulo dedicado à “vontade de potência”, um segundo à “sintomatologia da decadência”, o terceiro à “fisiologia da arte” e o quarto à “fisiologia da política”, fica então claro porque o filólogo e pensador italiano interpreta que Nietzsche (e nisto estamos de acordo) ao abandonar o projeto da *Vontade de potência*, resolve “O problema da decadência (...) pelo ataque contra o cristianismo”.

De outra parte, Colli insiste no caráter “patológico” da mudança de planos operada por Nietzsche, no “transbordamento das paixões” que teriam assaltado o filósofo desde o começo de 1888, “precipitando-se, acelerando-se em uma sucessão que se interrompe de um só golpe por um silêncio definitivo” (*Idem*, p. 161). É esta interpretação psicológico-biográfica de Nietzsche e, a partir dela, o fato de não ter levado em consideração a importância que Nietzsche mesmo conferiu a tarefa da transvaloração, que faz Colli equivocar-se tanto no que diz respeito à retomada da polêmica com Wagner quanto sobre o ataque político que o filósofo faz contra os alemães.

Nietzsche, na verdade, mantém uma coerência lógica em seu pensamento no trato dos temas que o ocupam em 1888⁸. Sobretudo com a virada decisiva para a tarefa fundamental de sua filosofia, que é plenamente reconhecida em *Ecce homo*: a transvaloração de todos os valores. Tarefa esta

⁸ A dimensão dessa coerência lógica no pensamento de Nietzsche é justamente o objeto de nossas investigações atuais. Nosso projeto de pesquisa atual intitula-se “Nietzsche e a tarefa da transvaloração: agosto de 1888 – janeiro de 1889”. Um primeiro texto a partir deste projeto já encontra-se publicado: “A afirmação trágica do eterno retorno nos Ditirambos de Dioniso”. In: *Cadernos Nietzsche*, n.30, 2012, p. 183-220; e outro texto encontra-se no prelo para publicação: “A transvaloração na correspondência de Nietzsche: agosto de 1888 – Janeiro de 1889”.

que, no final de agosto de 1888, passa a ser vista sob a perspectiva do eterno retorno do mesmo e não mais da vontade de potência⁹.

Duas outras abordagens importantes surgem, a nosso ver, após a interpretação de Colli. Num ensaio realizado em 1988, Wolfgang Müller-Lauter vem tratar, de modo inteiramente conceitual, do tema da “Decadência artística enquanto decadência fisiológica”¹⁰. Este tema, a nosso ver, será objeto de uma investigação praticamente exaustiva concluída em 2003, no mesmo solo de Giorgio Colli, por Chiara Piazzesi. Sua obra leva justamente o título *Fisiologia da arte e decadência*¹¹.

Todavia, iremos percorrer uma senda ainda não explorada por estes estudiosos: a abordagem da “fisiologia da arte” que envolve uma mudança no “valor” dos “valores”, ou seja, a mudança que faz Nietzsche, ao dedicar-se à tarefa da Transvaloração, quando coloca o centro de gravidade axiológico de sua abordagem não mais na vontade de potência, e sim no pensamento do eterno retorno do mesmo que surge muitas vezes surge figurado em Dioniso¹².

Seria praticamente impossível compreender a mudança do projeto da “Vontade de potência” para o da “Transvaloração”, e, por consequência os temas interligados a estes projetos, sem o recurso à correspondência de Nietzsche (organizada também por Colli e Montinari, publicada em primeira edição em 1975) durante o mês de agosto e o início de setembro de 1888.

É significativo observar, neste sentido, que praticamente todas as cartas de agosto de 1888 fazem referência ao *Caso Wagner*, seja ao pós-escrito acrescentado por Nietzsche a esta obra, seja as revisões que ele faz do livro, a começar pela carta enviadas desde Sils-Maria para Naumann (em 2 de agosto de 1888), para Hans von Bulow (10 de agosto de 1888, carta esta cujo assunto principal é a música), para Heinrich Koselitz (Em 11 de agosto de 1888, na

⁹ Tal abordagem foi desenvolvida detalhadamente na obra *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*. São Paulo: Discurso Editorial/Editora Barcarolla, 2010.

¹⁰ MÜLLER-LAUTER, W. “Décadence artistique et décadence physiologique. Les dernières critiques de Nietzsche contre Richard Wagner”. In: *Revue philosophique*, 3, 1998, p. 275-292 (texto que recebeu tradução no Brasil publicada nos *Cadernos Nietzsche*: ver bibliografia).

¹¹ PIAZZESI, C. *Nietzsche: fisiologia dell'Arte e décadence*. Lecce: Conte Editore, 2003.

¹² Sobre o modo como Dioniso figura o pensamento do eterno retorno do mesmo no conjunto dos escritos de Nietzsche ver: *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*, em especial no capítulo IV, p. 278-281.

qual ele chega a dizer que “O mais forte [em *O caso Wagner*] se encontra propriamente no pós-escrito”) e, por fim, a Carl Fuchs, diretor musical de Danzig (no domingo 26 de agosto de 1888, ou seja, no domingo que ele fizera o último esboço da obra *A vontade de potência*, na qual dedicaria um capítulo sobre a “fisiologia da arte”).

Ora, nesta carta a Carl Fuchs do final de agosto de 1888, Nietzsche tratava da “teoria do fraseio”, sendo que ainda em uma última carta do mês de agosto novamente a Carl Fuchs, ele abordava longamente a “distinção entre os ritmos antigos (rítmica fundada sobre o tempo) e bárbaros (rítmica fundada sobre o afeto). Cumpre lembrar, também, que é durante os meses de julho e agosto que o filósofo tem sérias crises de saúde, reconhecendo que estaria no limite de suas forças¹³. De outra parte, no início de Setembro de 1888, Nietzsche esboça diversas cartas em que comparece o nome de Wagner, em especial uma, destinada a Cosima Wagner em Bayreuth (provavelmente no começo de setembro), na qual reconhece e despreza, ao mesmo tempo, a influência de Cosima sobre o compositor alemão.

Mas é no esboço de uma carta dedicada a Carl Fuchs (também do início de Setembro) onde, a nosso ver, encontra-se o principal. Nela, o filósofo escreve: “Que tem a ver minha existência tomada de coisas *bastante sérias* com semelhantes questões absurdas como o ‘fraseio!’” (Esboço de carta a Carl Fuchs, início de setembro). Ora, este esboço de correspondência dará origem a uma carta endereça a Fuchs no dia 06 de Setembro de 1888, na qual Nietzsche anuncia, pela primeira vez, a tarefa da transvaloração de todos os valores:

Querido amigo:

Nos próximos dias deixarei Sils. Já que, todavia, necessitarei recolhimento profundo durante muito tempo, desaparecerei uma vez mais, em conformidade com minha *práxis* monacal, para *visitas* de todo o tipo – cartas incluídas. Ante mim está um pacote de cartas que não li: temo que entre elas haja uma sua. – E por último, não lhe oculto minha suspeita: não tratam estas cartas do sagrado “fraseio”? Neste caso, haveria que ponderar com toda a seriedade se não a enviaram para um *endereço equivocado*? Cartas sobre o “fraseio” ao filósofo

¹³ Cf. JANZ, C. P. *Friedrich Nietzsche*, III, p. 481-485.

da *Transvaloração de todos os valores!* (Carta a Carl Fuchs, desde Sils-Maria, em 6 de Setembro de 1888).

Nietzsche, portanto, demonstra, simultaneamente, um aborrecimento pela perda de tempo na abordagem do “sagrado ‘fraseio’”, um enfatiamento diante de temas que lhe desviavam da tarefa principal de sua filosofia que surgira, então, de forma clara no final de agosto de 1888.

Por fim, se considerarmos que nos últimos meses ele pensava estar no limite de suas forças, é numa carta encaminhada a Meta Von Salis no dia 7 de setembro de 1888, que o filósofo não somente conta que no dia 3 de Setembro havia escrito o prólogo da transvaloração, mas demonstra um bem estar até então jamais sentido:

O prólogo para minha *Transvaloração de todos os valores*, o prólogo mais orgulhoso que talvez tenha escrito até agora. Depois sai – e, observe, vi o dia mais bonito na Engandina, – uma potência luminosa de todas as cores, um azul no lago e no céu, uma claridade do ar, totalmente inauditos (...) pela tarde passei dando a volta inteira no lago de Silvaplana: esse dia permanecerá provavelmente em minha memória. (Carta a Meta Von Salis de 7 de Setembro de 1888).

Nesta mudança que se processa em Sils-Maria, no mesmo mês e lugar onde ele tivera o pensamento do eterno retorno do mesmo em 1881, ou seja, do projeto inicial da “Transvaloração de todos os valores”, Nietzsche redige somente *O anticristo*. Do mesmo modo sabemos que, afora o *Crepúsculo dos ídolos*, as obras *Ecce homo*, *Nietzsche contra Wagner* e os *Ditirambos de Dioniso* (todas preparadas para publicação pelo filósofo no segundo e derradeiro semestre de 1888) somente irão ser publicadas após seu colapso psíquico. A ordem de publicação das obras, ademais, previa que *Ecce homo* seria o “prólogo da transvaloração” e deveria surgir antes de *O anticristo*.

Redigida entre outubro e o começo de novembro de 1888, a autobiografia filosófica, na qual Nietzsche iria se apresentar ante a difícil tarefa da transvaloração, não incluía uma abordagem de *Nietzsche contra Wagner*, posto que esta obra somente será finalizada em dezembro de 1888.

Todavia, é no capítulo dedicado ao *Caso Wagner* (o último capítulo dedicado a abordagem de uma de suas obras) que Nietzsche já coloca em andamento os motivos que, em breve, o fariam retornar à crítica a Wagner. Escreve ele nas linhas iniciais do capítulo de *O caso Wagner* em *Ecce Homo*:

Para fazer justiça a este trabalho, é preciso sofrer do destino da música como de uma ferida aberta. - *De que* sofro, quando sofro do destino da música? *O que é* portanto, o que me faz sofrer? De ver que a música perdeu o poder de transfigurar o mundo, de dizer sim ao mundo, que é música da *decadência* e não mais a flauta de Dioniso... (EH, “O caso Wagner”, §1)¹⁴.

Ora, se por um lado a música apresenta-se aqui como uma “ferida aberta”, da qual se sofre por ela ter perdido seu “caráter afirmativo”, sendo uma expressão da “decadência” e não mais uma música dionisíaca, por outro, todo o restante da abordagem de *O caso Wagner* em *Ecce homo* surge com um alvo específico, como um

ataque a (...) nação alemã (EH, “O caso Wagner”, §1)

(...) nada me impedirá de ser grosseiro e dizer aos alemães algumas duras verdades (EH, “O Caso Wagner”, §2. Trad.: Paulo César de Souza).

Estes dois temas (a decadência da música associada a Wagner e a cultura alemã, em contraposição à afirmação oriunda de uma música dionisíaca) não são fruto de nenhuma “patologia”, mas de um desenvolvimento lógico-conceitual, em acordo com a tarefa da transvaloração. Tais temas já estavam presentes no prefácio de 1886 que o filósofo dedicara ao *Nascimento da tragédia* - obra na qual ele reconhecia que o tema que mais lhe interessava, ao tratar dos gregos e da tragédia grega, girava em torno do problema do “valor da existência” (NT, “Prefácio”, §1). Tenhamos presente, pois, dois trechos deste prefácio tardio (ou posfácio, como diz o próprio filósofo):

¹⁴ Já num póstumo do primeiro semestre de 1888, Nietzsche pontuava: “uma música *virá...* uma música *dionisíaca...*” (XIII, 14(19), 6 - Primavera de 1888).

Poderia porventura, a despeito de todas as “ideias modernas” e preconceitos do gosto democrático, a vitória do *otimismo*, a *racionalidade* predominante desde então, o *utilitarismo* prático e teórico, tal como a própria democracia, de que são contemporâneos – ser um sintoma da força declinante, da velhice abeirante, do esgotamento fisiológico? (NT, “Prefácio”, §4).

Mas há algo muito pior no livro, que agora lamento ainda mais do que ter obscurecido e estragado com fórmulas schopenhauerianas alguns pressentimentos dionisiacos: a saber, que *estraguei* de modo absoluto o grandioso *problema grego*, tal como ele me havia aparecido, pela ingerência das coisas mais modernas! Que apensei esperanças lá onde nada havia a esperar, onde tudo apontava, com demasiada clareza, para um fim próximo! Que comecei a fabular, com base nas últimas manifestações da música alemã, a respeito do “ser alemão”, como se ele estivesse precisamente a ponto de descobrir-se e reencontrarse a si mesmo – e isto em uma época em que o espírito alemão, que não muito tempo antes havia tido ainda a vontade de domínio sobre a Europa, a força de guiar a Europa, justamente *abdicava* disso por disposição testamentária e de maneira definitiva e, sob o pomposo pretexto da fundação de um *Reich* (...). O grande ponto dionisiaco, tal como nele foi colocado, também no tocando à música: como deveria ser composta uma música que não mais tivesse uma origem romântica, como a música alemã – porém *dionisiaca*?... (NT, “Prefácio”, §6. Trad.: J. Guinsburg).

Neste prefácio tardio, no qual Nietzsche interpreta que “O cristianismo foi desde o início, essencial e basicamente”, náusea ou “asco (*ekel*) e fastio na direção da vida” (NT, “Prefácio”, §5), há, portanto, o delineamento de uma reflexão histórico-crítica que vai desde a vitória do “otimismo” e “racionalidade” socrática (lembramos que no *Crepúsculo dos ídolos* Sócrates será o primeiro alvo de ataque), até o equívoco do jovem Nietzsche em pensar que, após a derrocada do mundo antigo, os alemães, através da música de Wagner, seriam os primeiros a resgatar o espírito trágico dos gregos.

Mesmo após acrescentar dois pós-escritos e um epílogo a *O caso Wagner*, Nietzsche não se acha convencido de ter dito o principal. O que explica, em parte, esta insistência na abordagem do tema e a insatisfação com a perspectiva até então adotada é, sem dúvida, a força que a tarefa da transvaloração passa a ter sobre ele. É, novamente, na correspondência do filósofo que encontramos o dado principal sobre os motivos que o levam a composição (e oposição clara) de um novo escrito contra Wagner. Escreve ele em 10 de Dezembro de 1888, a Ferdinand Avenarius:

Parece que no *Caso Wagner* as coisas não funcionam sem um *post scriptum*. - Por que foi ocultado dos leitores o seu *assunto principal*? Se minha “mudança de sentido”, como você a nomeia, não é de ontem? Faz 10 anos que estou em guerra contra a *corrupção* de Bayreuth, - desde 1876 Wagner me considera seu autêntico e único inimigo, disso existem provas mais que suficientes em seus últimos escritos. Com efeito, entre nós é evidente a contraposição entre um *décadent* e uma natureza que cria desde o excedente de forças, isto é, uma natureza *dionisiaca*.

Fica claro, assim, que Nietzsche busca deixar evidente em relação ao *O caso Wagner* que sua reflexão sobre a arte “decadente” do compositor alemão não é nova, e recua, pelo menos, até o período de *Humano, demasiado humano*. De outra parte, trata-se, então, de insistir (ao invés de ocultar) sobre a diferença de ordem fisiológica no tratamento da arte: entre uma arte que provém da decadência e outra que procede do “excedente de forças”, da “natureza dionisiaca”.

Após reunir diversas passagens de livros anteriores nas quais trata de Wagner, e enviá-las ao seu editor, Nietzsche escreve para Henrich Koselitz, anunciando o título da nova obra e deixando claro que se trata de um escrito no qual ele se coloca numa via oposta a de Wagner e dos alemães:

E agora, o *assunto principal*. Ontem enviei a C. G. Naumann um manuscrito que deve ser concluído em primeiro lugar, isto é, *antes de Ecce Homo* (...). Chama-se *Nietzsche contra Wagner. Documentos de um psicólogo*. É essencialmente uma caracterização por *antípodas*, em que utilizo uma série de passagens de meus escritos anteriores e, desta forma, dei ao *Caso Wagner* sua *mais séria* contrarréplica em paralelo (...). O

escrito é extremamente *anti-alemão* (Carta a Koselitz, 16 de Dezembro de 1888).

Os elementos aportados até aqui nos ajudam a compreender, com mais clareza, o porque do escrito *Nietzsche contra Wagner*. A lucidez do filósofo já se expressa no “Prefácio”, datado do natal de 1888:

Os capítulos que seguem foram todos selecionados, não sem cautela, entre os meus escritos anteriores – alguns remontam a 1877 –, e retocados aqui e ali, sobretudo encurtados. Lidos um após o outro, não deixarão dúvida acerca de Richard Wagner e de mim: nós somos antípodas. Outras coisas ficarão claras: por exemplo, que este é um ensaio para psicólogos, mas *não* para alemães... Tenho leitores em toda parte, em Viena, em São Petersburgo, em Copenhague, Estocolmo, Paris, Nova Iorque – só não os tenho nessa terra plana da Europa, a Alemanha... E eu teria igualmente umas palavras a dizer no ouvido dos italianos, a quem eu *amo*, tanto quanto... *Quousque tandem Crispi...*¹⁵ *Triple aliança: com o Reich um povo inteligente fará sempre uma mésalliance...*¹⁶

Friedrich Nietzsche
Turim, Natal de 1888.
(NW, “Prólogo”. Trad: PCS)

Se, por um lado, fica claro o intento da obra e da crítica dirigida aos alemães, por outro as “duas palavras” dirigidas aos italianos neste prefácio poderiam induzir um leitor apressado a pensar que Nietzsche já não mais estaria, naquele momento, de posse de sua lucidez filosófica. Todavia,

¹⁵ Em sua tradução de *Nietzsche contra Wagner*, Paulo César de Souza observa, na nota 67: “Até quando, Crispi?”: alusão a uma frase de Cícero (“Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência?”); Crispi era o primeiro ministro italiano”.

¹⁶ Na tradução de *Nietzsche contra Wagner*, Paulo César de Souza observa, na nota 68: “A Tríplíce Aliança foi o acordo político-militar estabelecido na década de 1880 entre Alemanha, Itália e Império Austro-Húngaro. Nietzsche adverte os italianos sobre o mau negócio que estariam fazendo: a palavra *mésalliance* designa, em francês, uma ‘má aliança’, um casamento feito com alguém de condição social inferior”.

cumpre lembrar que no final de *O anticristo*, obra decisiva na tarefa da transvaloração, que estava prevista para sair depois de *Nietzsche contra Wagner*, ele escrevera no penúltimo parágrafo, demonstrando o apreço pelo único povo que propôs uma tentativa de transvaloração de todos os valores, ao mesmo tempo em que criticava, duramente, o papel histórico dos alemães:

Os alemães privaram a Europa da última grande colheita cultural que ela podia ter - a do *Renascimento*. Compreende-se enfim, *quer-se* compreender o que foi o Renascimento? A *transvaloração dos valores cristãos*, a tentativa, empreendida com todos os meios, como todo o gênio, de conduzir à vitória dos valores *opostos*, os valores nobres... Até agora houve apenas *essa* grande guerra, até agora não houve mais decisiva colocação do problema que a do Renascimento - *minha* questão é a sua questão - (AC, §61. Trad.: PCS).

O apreço de Nietzsche pelos italianos é, portanto, relativo à única tentativa de transvaloração dos valores cristãos vislumbrada até então, através do Renascimento, embora tenha sido frustrada pelos alemães. Paralelamente, a aguda antevisão política de Nietzsche sobre a “Tríplice Aliança” e a “*má aliança*” dos italianos com o *Reich* alemão, nos possibilita voltar à anotação da primavera-verão de 1888 (XIII, 16[86]) e bem compreender porque Nietzsche mantinha alinhado à abordagem da “fisiologia da arte” o tema da “fisiologia da política”. Sobretudo quando pensamos que o aviso de Nietzsche aos italianos sobre seu comportamento político está inscrito numa obra sobre a “arte” de Wagner.

Por fim, se Nietzsche, na época de redação de *O caso Wagner*, pretendia tratar detidamente do tema da “fisiologia da arte” para mostrar que as “deformidades da arte cujo caminho foi aberto por Wagner” eram “expressão de degeneração fisiológica” (*O caso Wagner*, §7), para sua decepção, todavia, tanto *O caso Wagner* quanto *Nietzsche contra Wagner* não impediram o crescimento e desenvolvimento da arte de Wagner (arte que, no presente ano de 2013, leva a comemorar o bicentenário de nascimento do compositor alemão). Na perspectiva de Nietzsche, todavia, restaria saber se ainda não é cedo demais para compreender todo o desenvolvimento posterior da arte como expressão da decadência, posto que, ao tratar do “avanço do niilismo”, ele fora incisivo: “O que narro é a história

dos próximos duzentos anos...” (XIII, 119(362), – Novembro de 1887-março de 1888).

Especulação à parte, o certo é que, poucos dias após o prefácio para a obra *Nietzsche contra Wagner*, o filósofo ainda deixou pronta sua derradeira obra, os *Ditirambos de Dioniso*, finalizado no começo de Janeiro de 1889. Em clara contraposição fisiológica e axiológica em relação à arte de seus contemporâneos, talvez ali exista um sinal da arte que Nietzsche buscava a partir de uma mudança no “valor” dos valores. Ou seja, numa arte não mais orientada pelo “valor” dos “valores cristãos”, mas sim pelo “valor” que deveria orientar os “novos valores”: a hipótese do eterno retorno do mesmo. Em outras palavras, a arte dionisíaca: aquela que somente poderia nascer da superabundância de forças guiada por uma filosofia trágica.

Referências

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*, in 15 Bänden, hrsg. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Berlim-New York, Walter de Gruyter, 1967-78.

_____. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgaben*, in 8 Bänden, hrsg. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Berlim-New York, Walter de Gruyter, 1975.

_____. *Obras Incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 4^o ed. São Paulo: Nova cultural, 1987. (Col. “Os Pensadores”).

_____. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Nietzsche contra Wagner. Dossiê de um psicólogo*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

_____. *O Caso Wagner. Um problema para músicos*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

COLLI, G. *Écrits sur Nietzsche*. Traduit de l’italien par Patricia Farazzi. Paris: Éditions de l’Éclat, 1996.

JANZ, C. P. *Friedrich Nietzsche*. Madrid: Alianza Editorial, 1985 (3^a volumen: “Los diez años del filósofo errante”).

KESSLER, M. *l'esthétique de Nietzsche*. Paris: PUF, 1998.

MÜLLER-LAUTER, W. “Decadência artística enquanto decadência fisiológica – a propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner”. In: *Cadernos Nietzsche*, n.º. 6, 1999, p. 11-30.

_____. *Nietzsche. Physiologie de la volonté de puissance*. Textes réunis par P. Wotling. Paris: Allia, 1998.

PIAZZESI, C. *Nietzsche: fisiologia da arte e decadência*. Lecce: Conte Editore, 2003.

PFOTENHAUER, H. *Die Kunst als physiologie*. Stuttgart: Metzlersche, 1985.

RUBIRA, L. “O critério de avaliação nietzschiano”. In: BARRENECHEA, M.A.; CASANOVA, M.A.; DIAS, Rosa; FEITOSA, Charles. (Org.). *Assim falou Nietzsche III: para uma filosofia do futuro*. 1ª ed. Rio de Janeiro/RJ: Sete Letras, 2001, v. 01, p. 263-272.

_____. *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*. São Paulo: Discurso Editorial/Editora Barcarolla, 2010.

_____. “A afirmação trágica do eterno retorno nos Ditirambos de Dioniso”. In: *Cadernos Nietzsche*, n.30, 2012, p. 183-220.

YOUNG, J. *Nietzsche's philosophy of art*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

Email: luiseduardorubira@gmail.com

RECEBIDO: Julho/2013
APROVADO: Dezembro/2013